A FORMA DA ÁGUA

A FORMA DA ÁGUA

GUILLERMO DEL TORO
E
DANIEL KRAUS

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS

intrínseca

Copyright do texto © 2018 by Necropolis, Inc.
Copyright das ilustrações © 2018 by James Jean
Publicado mediante acordo com Feiwel & Friends, um selo da Macmillan Publishing Group, LLC.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Shape of Water

PREPARAÇÃO
Ulisses Teixeira

REVISÃO
Ilana Goldfeld
Juliana Werneck

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÕES DE CAPA E DE MIOLO
James Jean

ARTE DE CAPA
Patrick Collins

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T639f

Toro, Guillermo del
A forma da água / Daniel Kraus, Guillermo del Toro ; tradução Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
352 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The shape of water
ISBN 978-85-510-0277-3

1. Ficção mexicana. I. Kraus, Daniel. II. Barreiros, Edmundo. III. Título.

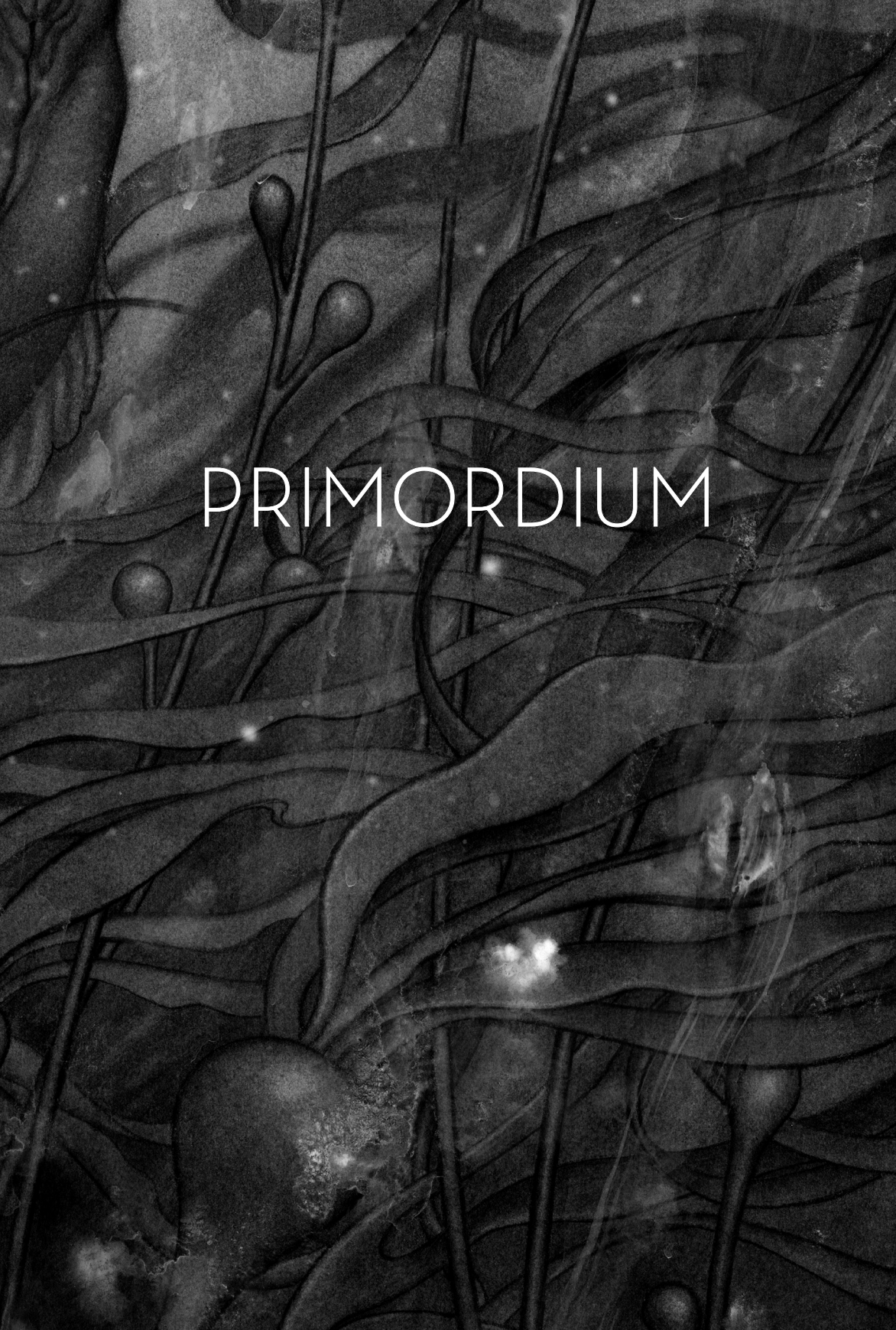
17-46691 CDD:868.99213
CDU: 821.134.2(72)-3

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Ao amor, em todas as suas formas.

Tão breve quanto a morte será a água
Breve como flor ou folha cadente
Tomar ou dar a vida tão momentaneamente
Tão natural e breve, meu amor, é a mágoa.
— Conrad Aiken

Não importa se a água está fria ou quente,
se você terá que passar por ela mesmo assim.
— Pierre Teilhard de Chardin


PRIMORDIUM

1

Richard Strickland lê as ordens do general Hoyt. Está a três mil e quatrocentos metros de altitude. O bimotor é golpeado com força, como se diante dos punhos de um boxeador. A última perna da viagem de Orlando a Caracas a Bogotá a Pijuayal, o nó formado pela fronteira entre Peru, Colômbia e Brasil. As orientações são breves e pontuadas com trechos censurados. Explicam, em poesia militar entrecortada, a lenda de um deus da floresta. Os brasileiros o chamam de deus Brânquia. Hoyt quer que Strickland acompanhe os caçadores contratados, ajude-os a capturar a coisa, seja lá o que ela for, e a leve para os Estados Unidos.

Strickland não vê a hora de resolver esse assunto. Será sua última missão para Hoyt, disso ele tem certeza. As coisas que fez na Coreia a mando do general o acorrentaram ao homem por doze anos. O relacionamento deles é uma espécie de chantagem, e Strickland quer sair limpo da jogada. Se realizar essa tarefa, a maior até o momento, terá o que precisa para nunca mais trabalhar para Hoyt. Então poderá voltar para casa, em Orlando, para Lainie, para os filhos. Poderá enfim ser o marido e o pai que o trabalho sujo de Hoyt jamais permitiu que fosse. Poderá ser um homem completamente novo. Poderá ser livre.

Ele volta a atenção para as ordens, adotando a típica rigidez militar. Aqueles pobres coitados na América do Sul. Não são as práticas agrícolas obsoletas as culpadas pela pobreza na região. Não, claro que não. É um deus com guelras insatisfeito por causa do desleixo com a floresta. O

papel está manchado porque não para de gotejar no avião. Strickland o dobra e o coloca no bolso da calça. As instruções dizem que os militares americanos acreditam que o deus Brânquia tem propriedades significativas para uso militar. Seu trabalho ali será cuidar dos "interesses americanos" e manter a tripulação, como diz Hoyt, "motivada". Strickland conhece bem as teorias do general sobre motivação.

Pense em Lainie. Ou melhor, considerando o que ele talvez tivesse que fazer, não pense nela.

As profanidades em português que saem da boca do piloto são justificáveis. Aterrissar é apavorante. A pista é fincada bem no meio da floresta. Strickland sai cambaleante do avião e descobre que o calor é visível, o ar parece feri-lo. Um colombiano com uma camiseta dos Brooklyn Dodgers e short florido aponta para uma picape. Uma garotinha na caçamba joga uma banana na cabeça de Strickland, que está enjoado demais para reagir. O colombiano o leva até a cidade, que se resume a três quarteirões com carrinhos de madeira barulhentos vendendo frutas e crianças descalças e barrigudas. O americano caminha entre as lojas e compra por instinto: um isqueiro, repelente, sacos plásticos com lacre, talco. O balcão sobre o qual ele empurra alguns *pesos* emana lágrimas de umidade.

Ele treinou algumas frases no avião.

— Você viu deus Brânquia? — pergunta, em português.

Os comerciantes riem e balançam a mão perto do pescoço. Ele não faz a menor ideia do que isso significa. Essas pessoas têm um cheiro forte e metálico, feito gado recém-abatido. Strickland sai andando por uma estrada asfaltada que derrete sob seus sapatos e vê um rato se debatendo na gosma negra. O animal está morrendo lentamente. Seus ossos vão embranquecer, afundar no chão. Aquela é a melhor estrada que Strickland verá por um ano e meio.

2

O DESPERTADOR SACODE a mesa de cabeceira. Sem abrir os olhos, Elisa leva a mão ao botão gélido para desligar o aparelho. Estava em um

sono profundo, suave e cálido, e o quer de volta, mais um minuto irresistível. Porém, o sonho foge conforme ela acorda; isso sempre acontece. Havia água, água escura — disso se lembra. Toneladas do líquido pesando sobre Elisa, mas ela não se afogava. Na verdade, respirava melhor ali do que na vida desperta, em quartos frios, com comida barata e estalidos de eletricidade.

Tubas ressoam e uma mulher grita. Elisa suspira, o rosto ainda enfiado no travesseiro. É sexta-feira, e um filme novo estreou no EXTRAORDINÁRIO CINEMA ARCADE MARQUEE, o cinema vinte e quatro horas no andar de baixo, e isso significa diálogos, efeitos sonoros e músicas incidentais que ela precisará integrar a sua rotina se quiser evitar os inúmeros sustos que fazem seu coração ir parar na garganta. No momento, são trompetes; então, homens gritando. Elisa abre os olhos, primeiro para as *22h30* do relógio, depois para os feixes de luz que saem do projetor e passam pelas tábuas de madeira do chão, emprestando tonalidades em tecnicolor às partículas de poeira.

Ela se senta e arqueia os ombros no quarto frio. Por que o ar cheira a cacau? Ao aroma estranho junta-se um ruído desagradável: um caminhão dos bombeiros a nordeste de Patterson Park. Elisa encosta os pés no chão gelado e observa a luz do projetor se agitando e tremeluzindo. Esse filme novo, pelo menos, é mais claro que o último, um em preto e branco chamado O *Parque Macabro*, e as cores brilhantes que atravessam seus pés permitem que ela retorne a um faz de conta onírico: ela tem dinheiro, muito dinheiro, e vendedores submissos estão calçando seus pés com uma variedade de sapatos coloridos. A senhorita está deslumbrante. Com um par de sapatos desses, vai dominar o mundo.

Em vez disso, o mundo a dominou. Não importa quantas quinquilharias compre por centavos em vendas de garagem e pendure nas paredes, nada consegue esconder a madeira carcomida por cupins ou desviar sua atenção dos insetos que desaparecem no segundo em que Elisa acende a luz. Ela decide ignorar; é sua única esperança de sobreviver à noite, ao dia seguinte, à sua vida. Vai até a cozinha da quitinete, liga o cronômetro, joga três ovos em uma panela com água e segue para o banheiro.

Elisa só toma banho de banheira. Ela tira o pijama enquanto a água corre. As mulheres do trabalho deixam revistas femininas nas mesas do refeitório, e inúmeros artigos disseram a Elisa quais eram os exatos centímetros de seu corpo em que ela deveria se concentrar, embora quadris e seios não sejam páreos aos queloides rosados dos dois lados de seu pescoço. Ela se debruça para a frente, os ombros nus apoiados na borda da banheira. Cada cicatriz tem sete centímetros de comprimento e vai da jugular à laringe. À distância, a sirene aumenta; Elisa passou a vida inteira em Baltimore, trinta e três anos, e consegue saber que o caminhão dos bombeiros está atravessando a Broadway. As cicatrizes do pescoço também são um mapa, não são? Lugares que seria melhor que não recordasse.

Mergulhar os ouvidos na água amplifica os sons do cinema. "Morrer por Quemós", grita uma garota no filme, "é viver para sempre!". Elisa não tem certeza se ouviu direito. Segura um sabonete fino entre as mãos e aproveita a sensação de estar mais molhada que a água, tão escorregadia que pode atravessá-la tal qual um peixe. Impressões de seu sonho agradável caem sobre ela, pesadas como o corpo de um homem. É abrupta e avassaladoramente erótico; ela patina os dedos ensaboados entre as coxas. Elisa já saiu com homens, fez sexo, tudo isso. Mas havia anos desde que fizera aquelas coisas. Homens conhecem uma mulher muda e se aproveitam dela. Não houve um encontro no qual um homem tenha tentado se comunicar, não de verdade. Eles simplesmente a tomavam, como se ela, sem voz feito um animal, *fosse* um animal. Assim é melhor. O homem no sonho, por mais indistinto que seja, é melhor.

Mas o cronômetro, esse desgraçado dos infernos, começa a apitar, pi-pi-pi-pi. Elisa se assusta e se engasga, e, ainda que esteja sozinha, fica envergonhada. Ela se levanta, braços e pernas reluzentes por causa da água que escorre, se envolve em um roupão e dá passos trêmulos até a cozinha, onde desliga o fogão e aceita a má notícia trazida pelo relógio: *23h07*. Como perdeu tanto tempo? Veste um sutiã qualquer, abotoa uma blusa qualquer, alisa uma saia qualquer. Ela se sentiu alucinadamente viva no sonho, mas agora estava tão

inerte quanto os ovos que esfriavam em um prato. Há um espelho ali no quarto, mas Elisa prefere não olhar para ele, só para o caso de sua suspeita ser verdadeira e ela ter se tornado invisível.

3

Assim que Strickland encontra a barca de quinze metros de comprimento, ele usa o isqueiro novinho para queimar o papel com as ordens de Hoyt, o procedimento-padrão. Agora a coisa inteira está negra, pensa ele, uma grande mancha preta. Como tudo ali, o barco é uma ofensa a seus padrões militares. É lixo pregado com lixo. A chaminé está remendada com pedaços martelados de outros metais. Os pneus sobre as amuradas parecem vazios. Um lençol esticado sobre quatro estacas oferece a única sombra na embarcação. Vai ser quente. Isso é bom. Assim será mais fácil queimar os pensamentos angustiantes sobre Lainie, sobre sua casa bem arejada e limpa, sobre o sussurro das palmeiras da Flórida. O calor vai ferver seu cérebro até que só reste a fúria exigida por uma missão como aquela.

Água marrom suja esguicha entre as tábuas do cais. Alguns membros da tripulação são brancos; alguns, morenos; outros, marrom-avermelhados. Alguns têm tatuagens e piercings. Todos arrastam caixotes molhados por uma prancha que enverga dramaticamente com aquele peso. Strickland os segue e chega a um casco no qual pintaram, em estêncil, *Josefina*. As pequenas vigias sugerem o convés inferior mais *básico* de todos, grande o suficiente apenas para um capitão. A própria palavra "capitão" o incomoda. Hoyt é o único capitão ali, e Strickland é o representante de Hoyt. Ele não está com paciência para lidar com timoneiros estúpidos que pensam estar no comando.

Ele encontra o capitão, um mexicano de óculos e com barba branca, camisa branca, calça branca e chapéu de palha branco, assinando manifestos de carga com floreios excessivos.

— Sr. Strickland! — grita o homem.

E Strickland sente como se tivesse sido transportado para um dos desenhos animados a que seu filho assiste: *Senhoooor Estriquilendi!* Ele havia decorado o nome do capitão enquanto sobrevoava o Haiti: Raúl Romo Zavala Henríquez. Era um nome apropriado, que começava bem e depois se inflava com ostentação.

— Veja! Escocês e cubanos, meu amigo, todos para você.

Henríquez lhe entrega um charuto, acende um para si e serve dois copos.

O treinamento de Strickland o proibia de beber em serviço, mas ele deixa Henríquez fazer seu brinde.

— *A la aventura magnífica!*

Eles bebem, e Strickland admite para si mesmo que a sensação é boa. Qualquer coisa para ignorar, mesmo que por pouco tempo, a sombra avultante do general Hoyt e o que poderia lhe acontecer se não conseguisse "motivar" Henríquez de maneira adequada. Enquanto o uísque dura, o calor de suas entranhas se equipara ao da selva.

Henríquez é um homem que passou tempo demais soprando anéis de fumaça: eles são perfeitos.

— Fume, beba, aproveite! É o máximo de luxo que vai ter, e vai demorar um bom tempo para isso acontecer outra vez. Que bom que o senhor veio logo. *Josefina* está louca para zarpar daqui. É igual à Amazônia, não espera por ninguém. — Strickland não gosta do recado implícito. Ele pousa o copo e encara o capitão, que ri e bate palmas. — Está certo. Homens como nós, pioneiros do sertão... nós não podemos ficar demonstrando emoção por tudo. Os *brasileños* nos honram com uma palavra: sertanista. Não soa bem? Não faz o sangue ferver?

Henríquez narra com detalhes entediantes sua viagem a um posto avançado do Instituto de Biologia Marinha. Ele disse ter manuseado — *con las propias manos!* — fósseis em calcário semelhantes às descrições do deus Brânquia. Cientistas os datam como pertencentes ao período devoniano, que, sabia, *señor* Striquilendi, faz parte da Era Paleozoica? Isso, diz Henríquez, é o que atrai homens como eles à Amazônia. Um lugar onde a vida primitiva ainda viceja, onde se pode ignorar o calendário e tocar o intocável.

Strickland segura sua pergunta por uma hora.

— Você recebeu as instruções?

Henríquez apaga o charuto e olha de cenho franzido pela vigia. Então encontra algo que põe um sorriso em sua cara.

O capitão gesticula com vigor.

— Está vendo as tatuagens nos rostos? Os pedaços de madeira enfiados nos narizes? Esses índios não têm nada do Tonto de vocês. Esses aqui são bravos. Cada quilômetro do Amazonas, do Negro ao Xingu, eles conhecem no sangue. Eles vêm de quatro tribos diferentes. E eu os contratei como guias! É impossível que nossa expedição se perca.

— Você recebeu as instruções? — repete Strickland.

Henríquez se abana com o chapéu.

— Vocês, americanos, me enviaram folhas mimeografadas. Muito bem, nossa expedição científica vai seguir suas linhas sinuosas o máximo possível. Depois, sr. Strickland, será tudo a pé! Vamos localizar os remanescentes, os índios que restaram das tribos originais. Essas pessoas sofreram mais com a atividade humana do que você possa imaginar. A selva engole seus gritos. Nós, entretanto, iremos em paz. Vamos oferecer presentes. Se o deus Brânquia existe, são eles que vão nos dizer onde encontrá-lo.

No linguajar do general Hoyt, o capitão está motivado. Strickland reconhece isso. Mas também há sinais de alerta. Se ele sabe alguma coisa sobre território indomado, é que o lugar suja você, por dentro e por fora. Não se usa roupa branca ali, a menos que não se tenha a menor ideia do que está fazendo.

4

Elisa evita a parede oeste de seu quarto até o último momento, para que aquela visão final possa enchê-la de inspiração. Não é um quarto grande, por isso não é uma parede grande, dois e meio por dois e meio, cada centímetro coberto por sapatos comprados em brechós ao

longo dos anos. Scarpins de couro em um tom cereja-escuro. Oxfords bicolores de bico reto. *Peep toes* de cetim champanhe, todos parecendo dignos de uma noiva. Sapatos de salto oito centímetros, todos de um vermelho bem vivo. Quando Elisa os usa, parece que seus pés estão cobertos por pétalas de rosas. Relegados às margens ficam os tamancos, as rasteirinhas e os mocassins baratos e sujos e alguns modelos em camurça, que, embora feios, tinham valor afetivo.

Cada sapato é pendurado em um preguinho que a mulher, como inquilina, não tinha o direito de pregar. O tempo está contra ela, mas Elisa se permite perder mais um pouco dele, pegando com todo o cuidado sua escolha do dia: scarpins de salto baixo decorados com margaridas e com uma flor de couro na frente. Ela trata essa decisão como se fosse de máxima importância. E é. As margaridas serão seu único ato de rebeldia daquela noite, e de todas as noites. Pés são o que conectam as pessoas ao chão e, quando se é pobre, nenhum pedaço desse chão lhe pertence.

Ela se senta na cama para calçá-los. É como um cavaleiro enfiando as mãos em um par de luvas de aço. Elisa agita o dedão para que o sapato se acomode enquanto seus olhos passeiam pela pilha desorganizada de LPs velhos. A maioria deles é usada e havia sido comprada anos antes. Quase todos carregam músicas e memórias felizes impressas no polímero plástico.

The Voice of Frank Sinatra: a manhã em que ajudou um guarda de trânsito a salvar filhotes de passarinho com penugem marrom que estavam presos embaixo da grade de um bueiro de esgoto. *One O'Clock Jump*, de Count Basie: o dia em que viu uma bola de beisebol, rara como um falcão de pés vermelhos, ser rebatida e lançada para fora do Memorial Stadium e ricochetear em um hidrante. *Stardust*, de Bing Crosby: a tarde em que ela e Giles viram Stanwyck e MacMurray em *Lembra-se Daquela Noite?* no cinema ali embaixo, e Elisa ficou deitada na cama o restante do dia ouvindo Bing no toca-discos e se perguntando se ela, tal como a ladra de bom coração de Stanwyck, estava cumprindo uma sentença nesta vida dura, e se alguém feito MacMurray estaria esperando por ela no dia em que fosse libertada.

Chega: é inútil. Ninguém está esperando por ela nem nunca esperou, muito menos o relógio de ponto no trabalho. Elisa veste o casaco e pega o prato de ovos. O cheiro curioso de chocolate é inconfundível quando ela sai para um corredor repleto de latas empoeiradas de filmes contendo sabe-se lá quantos tesouros de celuloide. À direita, o único outro apartamento. Ela bate na porta duas vezes antes de entrar.

5

Em uma hora, eles partem. Maravilha, dizem os guias, é a estação seca, que eles dizem ser o verão. A tragédia é causada pela estação das chuvas. Ninguém nem conta a Strickland como ela se chama. O legado que ela deixa são os furos, atalhos inundados entre as curvas dos rios, e o *Josefina* passa por eles enquanto ainda é possível. Os meandros em zigue-zague transformam a Amazônia em um animal que corre, se esconde e ataca. Entusiasmado, Henríquez apita e acelera, a floresta verde e com cheiro de terra se enchendo de fumaça negra tóxica. Strickland segura a amurada e olha para a água. É marrom cor de chocolate com espuma de marshmallow. Um capinzal de cinco metros de altura se eriça ao longo das margens, como as costas de um urso colossal despertando.

Henríquez passa o comando para o imediato e vai fazer anotações em seu diário. Diz para quem quiser ouvir que escreve para ser publicado e ficar famoso. Todos conhecerão o nome do grande explorador Raúl Romo Zavala Henríquez. Ele acaricia o couro da capa, provavelmente sonhando com uma foto sua exalando a típica soberba dos autores na orelha do livro. Strickland sufoca o ódio, a aversão e o medo. Os três sentimentos atrapalham. Os três *entregam* você. Hoyt lhe ensinou isso na Coreia. Apenas faça seu trabalho. A sensação mais vantajosa é não sentir nada.

A monotonia, porém, pode ser o assassino mais furtivo da floresta. Dia após dia, o *Josefina* percorre uma faixa infinita de água sob

crescentes espirais de névoa. Um dia Strickland olha para cima e vê uma ave preta e grande, uma mancha de graxa no céu azul. Um urubu. Agora que a notou, ele a encontra todos os dias, fazendo círculos preguiçosos, antecipando o seu fim. Strickland está bem armado, um fuzil de assalto Stoner M63 na mão e uma Beretta modelo 70 no coldre, que ele está se coçando para pegar e abater de vez aquela ave. O pássaro é Hoyt, vigiando. O pássaro é Lainie, se despedindo. Ele não sabe quando é um e quando é outro.

Navegar à noite é traiçoeiro, por isso o barco ancora. Em geral, Strickland gosta de ficar sozinho na proa. Que a tripulação cochiche. Que os índios bravos olhem fixamente para ele, como se fosse uma espécie de monstro americano. A lua nessa noite em especial é um buraco enorme escavado na carne da escuridão para revelar o osso pálido e luminescente, e ele não percebe Henríquez se aproximando.

— Está vendo? O rosa se mexendo?

Strickland fica furioso, não com o capitão, mas consigo mesmo. Que tipo de soldado deixa as costas expostas? Para completar, foi pego observando a lua. É um ato feminino, algo que Lainie faria pedindo a ele que segurasse sua mão. Ele dá de ombros, na esperança de que Henríquez vá embora. Em vez disso, o capitão gesticula com seu diário. Strickland observa ao longe e vê um salto sinuoso e um borrifo prateado.

— Boto — diz Henríquez. — Golfinhos de rio. O que você acha? Dois metros? Dois e meio? Só os machos são desse tom de rosa. Tivemos sorte de ver um. O boto macho é muito solitário e discreto.

Strickland se pergunta se Henríquez está brincando, zombando de seu jeito reservado. O capitão tira o chapéu de palha, e o cabelo branco brilha ao luar.

— Conhece a lenda do boto? Imagino que não. Eles ensinam a vocês mais sobre armas e balas, hein? Muitos índios acreditam que o boto-cor-de-rosa é encantado, pode mudar de forma. Em noites como esta, ele se transforma em um homem bonito e irresistível e vai até a aldeia mais próxima. Dá para identificá-lo pelo chapéu que usa para ocultar seu respiradouro. Com esse disfarce, ele seduz as mulheres

mais belas da aldeia e as leva para sua casa no fundo do rio. Quase não se vê mulheres perto do rio à noite, de tanto medo que elas têm de um rapto encantado. Mas, para mim, é uma história de esperança. Um paraíso submarino não é preferível a uma vida de pobreza, incesto e violência?

— Ele está se aproximando.

Strickland não queria ter dito isso em voz alta.

— Ah! Então sem dúvida devemos nos juntar aos outros. Dizem que quem olha nos olhos de um ser encantado é amaldiçoado com pesadelos até ficar doido de pedra.

Henríquez dá um tapinha no ombro de Strickland como o amigo que não é e vai embora, assoviando. O americano se ajoelha ao lado da amurada. O boto mergulha como uma agulha de tricô. Provavelmente sabe o que são barcos, provavelmente quer restos de peixes. Strickland saca a Beretta e a aponta para onde calcula que o boto vá emergir. Fábulas não merecem viver. A dura realidade: é isso que Hoyt busca, e é isso que Strickland deve encontrar se quiser sair dali vivo. A forma do boto se torna visível sob a água. Strickland espera. Ele quer olhá-lo nos olhos. É ele quem vai provocar pesadelos. É ele quem vai levar a selva à loucura.